

OLIMPIADAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Ensino Secundário

1.ª Fase

Duração da prova: 90 minutos.

Data: 24 de abril de 2018

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta indelével, azul ou preta.

Escreva, de forma legível, a numeração dos grupos e dos itens, bem como as respetivas respostas. Todas as respostas devem ser registadas na folha de respostas.

Por cada item, apresente apenas uma resposta. Se escrever mais do que uma resposta a um mesmo item, apenas é classificada a resposta apresentada em primeiro lugar.

As respostas ilegíveis ou que não possam ser claramente identificadas são classificadas com zero pontos.

Para responder aos itens de escolha múltipla, escreva, na folha de respostas:

- o número do item;
- a letra que identifica a opção escolhida.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

A ortografia dos textos e de outros documentos segue o Acordo Ortográfico de 1990, devendo o mesmo ser respeitado na redação das respostas.

Grupo I

Para publicar o seu livro de contos, intitulado *Azulejos*, o conde de Arnoso pediu a Eça de Queirós que lhe escrevesse um prefácio. O texto que abaixo se transcreve é um excerto desse preâmbulo.

1 Nos tempos em que Voltaire¹ se contentava com cem leitores, esses cem homens que liam eram tratados pelos escritores com um cerimonial e uma adulação. Em verdade o leitor de então, «o amigo leitor», pertencia sempre aos altos corpos do Estado: o alfabeto ainda se não tinha democratizado; quase apenas sabiam ler as Academias,
5 alguns da nobreza. Mas esta cortesia, em que havia emoção, provinha sobretudo de que o escritor, há cem anos, dirigia-se particularmente a uma pessoa de saber e de gosto; amiga da eloquência e da tragédia, que ocupava os seus ócios luxuosos a ler, e que se chamava «o Leitor»: e hoje dirige-se esparsamente a uma multidão azafamada e tosca que se chama «o público».

10 Esta expressão, «a leitura», há cem anos, sugeria logo a imagem de uma livraria silenciosa, com bustos de Platão e de Séneca², uma ampla poltrona almofadada, uma janela aberta sobre os aromas de um jardim: e neste retiro austero de paz estudiosa, um homem fino, erudito, saboreando linha a linha o seu livro, num recolhimento quase amoroso. A ideia de leitura, hoje, lembra apenas uma turba folheando páginas à pressa,
15 no rumor de uma praça.

 Ora quando este leitor, douto, agudo, amável, recebia o escritor na sua solidão letrada – o escritor necessitava apresentar-se com reverência. Tinha de haver uma apresentação condigna, solene, copiosa; e isso passava-se nesse pedaço de prosa em tipo largo, com citações latinas, que se chamava o «Prefácio». Aí, o autor, diante do leitor
20 acolhedor e risonho, falava com prolixidade³ de si, das suas intenções, da sua obra. Depois o autor ia levando o leitor pela mão através da sua obra como através de um jardim que se mostra, percorrendo com gosto as áleas mais enfeitadas de erudição, parando por vezes a conversar docemente à sombra de um pensamento frondoso. Assim se formava entre ambos uma enternecida intimidade espiritual.

25 Depois, numa manhã de Julho, tomou-se a Bastilha⁴. Tudo se revolveu: e mil novidades violentas surgiram, alterando a configuração moral da Terra. Veio a democracia: fez-se a iluminação a gás; assomou a instrução gratuita e obrigatória; instalaram-se as máquinas que imprimem cem mil jornais por hora. Foi então que se sumiu o leitor, o antigo leitor, discípulo e confidente, sentado longe dos ruídos incultos
30 sob o claro busto de Minerva, o leitor amigo, com quem se conversava deliciosamente em longos, loquazes «Proémios»: e em lugar dele o homem de letras viu diante de si a turba que se chama o público, que lê alto e à pressa no rumor das ruas.

 Imediatamente deixou de haver essa amável e conversadora apresentação que se chamava o «Proémio».

35 Todavia ainda hoje há escritores que, seduzidos pela graça nobre das maneiras clássicas, quando procuram o público com um livro amorosamente trabalhado, querem pôr nesse encontro as formas aparatosas da etiqueta de outrora. São aqueles, sobretudo, que, escrevendo delicadamente e para delicados, contam apenas com o leitor dos velhos tempos.

40 Tu és desses: a grossa turba⁵ assusta-te um pouco, com a sua desatenção ruidosa: e confias sobretudo nesse leitor perfeito, amator raro das lindas flores modernas de fantasia e de estilo. Por isso desejas levar ao teu lado alguém, já mais familiar com ele, que lhe diga, seguindo as boas tradições dos saudosos proémios, «Leitor pio, benévolo e

¹ Voltaire (1694-1778) foi um filósofo e escritor francês, um dos grandes representantes do Movimento Iluminista.

² Séneca foi um filósofo e tragediógrafo latino.

³ Prolixidade – excesso fastidioso e inútil de palavras ou razões.

⁴ A Tomada da Bastilha foi um evento central da Revolução Francesa, ocorrido em 14 de julho de 1789.

⁵ Turba – multidão.

45 amigo, aqui te apresento...» E sou eu que tu escolhes para esta gentil cerimónia, perfumada de arcaísmo, entre os teus amigos «simples fazedores de livros», como dizia altivamente o velho Carlyle⁶.

50 Tu puseste ao livro amável o nome de «Azulejos» – nome claro, alegre, lustroso e bem meridional!... Ele exprime, gentilmente, a natureza dos teus contos, que oferecem cada um o desenho vivo e curto de um bocado da vida real, entrevisto, fixado ligeiramente, na primeira frescura da emoção. Assim, tu traças nos teus «Azulejos» breves esboços da vida interior e afetiva... E todos estes quadros são azulejos, verdadeiramente tratados à maneira dos azulejos de louça num corredor de mosteiro: não há neles nada de duro, de opaco, de empastado: são fáceis e límpidos: têm a precisão fina e graciosa de um contorno azul sobre um fundo branco.

55 Para fixar esses bocados de vida real, entrevistos e pressentidos, tens uma forma excelente, toda de naturalidade e de transparência.

60 No conto tudo precisa ser apontado num risco leve e sóbrio: das figuras deve-se ver apenas a linha flagrante e definidora que revela e fixa uma personalidade; dos sentimentos apenas o que caiba num olhar, ou numa dessas palavras que escapa dos lábios e traz todo o ser; da paisagem somente os longes, numa cor unida. Tu em boa hora seguiste fielmente esta poética, que é velhíssima, que já vem de Horácio. E isso forma um dos encantos dos teus «Azulejos».

65 E assim sensibilizado, vibrando suficientemente para sentir a subtil poesia das coisas; armado de uma ponta de ironia para impedir que as tuas criações se te azulem de todo sob a pena, num impulso de piedade sentimental, e se tornem romanescas e portanto falsas – tu pudeste fazer obra delicada e original, misturando o teu livro de graça poética e de verdade humana. São os teus contos, pois, ainda por este lado, realmente azulejos. A cor é azul, e portanto idealizada: mas nessa idealização de tom que pertence à imaginação e ao sonho – as figuras, pela exatidão do desenho, permanecem na realidade e são seguras expressões de vida.

70 Esta maneira de pintar a verdade, levemente esbatida na névoa dourada e trémula da fantasia parece, de resto, a maneira melhor e mais interessante para quem, como tu, nada mais quer nas regiões da arte do que saber de vez em quando, com senso e com gosto, contar uma história, imaginada ou lembrada. A arte, para os que não se enclausuraram todos nela como nos muros de um mosteiro, poetiza singularmente a existência.

E depois, amigo, a arte oferece-nos a única possibilidade de realizar o mais legítimo desejo da vida – que é não ser apagada de todo pela morte.

80 Só a arte realmente pode dizer aos seus eleitos, com firmeza e certeza: – «Tu não morrerás inteiramente: e mesmo amortalhado, metido entre as tábuas de um caixão, regado de água benta, tu poderás continuar por mim a viver. O teu pensamento, manifestação melhor e mais completa da tua vida, permanecerá intacto, sem que contra ele prevaleçam todos os vermes da terra; e ainda que, fixado definitivamente na tua obra, pareça imobilizado nela como uma múmia nas suas ligaduras, ele terá todavia o supremo sintoma da vida, a renovação e o movimento, porque fará vibrar outros pensamentos e através das criações deles estará perpetuamente criando. Mesmo o teu riso, de um momento, reviverá nos risos que for despertando; e as tuas lágrimas não secarão porque farão correr outras lágrimas. Ficarás para sempre vivo, para te misturares perpetuamente à vida dos outros; e as mesmas linhas do teu rosto, o teu traje, os teus modos, não morrerão, constantemente rememorados pela curiosidade das gerações.»

90 E esta promessa, amigo, não é falaz. A arte é tudo porque só ela tem a duração – e tudo o resto é nada! As sociedades, os impérios são varridos da Terra, com os seus costumes, as suas glórias, as suas riquezas: e se não passam da memória fugidia dos homens, se ainda para eles se voltam piedosamente as curiosidades, é porque deles ficou algum vestígio de arte, a coluna tombada de um palácio, ou quatro versos num pergaminho.

⁶ Thomas Carlyle (1795-1881) foi um escritor, historiador, ensaísta e professor escocês da era vitoriana.

A arte é tudo – tudo o resto é nada. Só um livro é capaz de fazer a eternidade de um povo. Leónidas ou Péricles⁷ não bastariam para que a velha Grécia ainda vivesse, nova e radiosa, nos nossos espíritos: foi-lhe preciso ter Aristófanes e Ésquilo⁸. Tudo é efémero e
100 oco nas sociedades – sobretudo o que nelas mais nos deslumbra. Podes-me tu dizer quem foram, no tempo de Shakespeare, os grandes banqueiros e as formosas mulheres? Onde estão os sacos de ouro deles e o rolar do seu luxo? Onde estão os claros olhos delas? Mas Shakespeare está realmente tão vivo como quando, no estreito tablado, ele dependurava a lanterna que devia ser a Lua, triste e amorosamente invocada, alumando
105 o jardim dos Capuletos⁹. Está vivo de uma vida melhor, porque o seu espírito fulge com um sereno e contínuo esplendor, sem que o perturbem mais as humilhantes misérias da carne!

Quer isto dizer, amigo, que os teus «Azulejos», pelo mero facto de não serem um relatório, hão de viver tanto como os mármorees do Pártenon!

110 Pode bem suceder que um dia, mais tarde, um desses amadores de antiguidades que se entretêm a revolver o lixo dos tempos, encontre, num recanto esquecido de velha livraria, entre o pó e o bolor, amarelado e roído dos vermes, estes teus mesmos «Azulejos» agora tão frescos e tão lustrosos ao sol. E, por curiosidade arqueológica, pode ser que esse paciente escavador das idades sacuda a poeira ao volume caduco, o
115 folheie aqui e além... E lerá o livro todo; e o que tu pensaste fá-lo-á pensar, e sorrirá com o teu sorriso! As tuas criações perpassarão, queixosas ou alegres, com a vida que tinham no teu espírito, por diante da sua lâmpada – tendo recebido no espírito dele uma encarnação fugitiva, e por elas o teu ser, disperso na substância, estará um instante misturado a um ser vivo, e palpitando na sua vida toda... E quem ousará dizer que isto
120 não é uma ressurreição?

Só por isso, amigo, vale a pena que te venhas juntar àqueles que, como dizia Carlyle, são «simples fazedores de livros».

Eça de Queiroz, “Prefácio dos *Azulejos* do Conde de Arnoso”, *Notas Contemporâneas*, Lisboa: Livros do Brasil, s.d., pp. 95-99; 104-112 (texto com supressões)

Para responder a cada um dos itens de **1 a 19**, selecione a opção correta, de acordo com o sentido do texto.

Escreva, na folha de respostas, o número de cada item e a letra que identifica a opção correta.

1. O “amigo leitor” a que Eça se refere era

- a. um homem douto que só lia livros de escritores amigos.
- b. um indivíduo abastado e dado a caprichos luxuosos.
- c. um aristocrata dado à leitura de obras de retórica e discursos políticos.
- d. um homem culto e requintado que se entregava à leitura.

⁷ Leónidas (540-480 a.C.), rei de Esparta, resistiu até à morte na batalha de Termópilas, quando os Persas invadiram a Grécia. Péricles (c. 495- 429 a.C.), célebre estadista, foi um dos principais líderes democráticos de Atenas. Aí promoveu as artes e a literatura, num período em que a cidade tinha a reputação de ser o centro educacional e cultural da Grécia Antiga.

⁸ Aristófanes (445-386 a.C.) e Ésquilo (525-456 a.C.) são célebres dramaturgos da literatura grega.

⁹ Alusão a uma das mais célebres peças de Shakespeare, *Romeu e Julieta*.

2. Na linha 10, a palavra “livraria” tem a aceção de

- a. um estabelecimento de venda de livros.
- b. uma biblioteca particular.
- c. uma grande biblioteca com importante acervo de arte e filosofia.
- d. uma pequena biblioteca de museu.

3. Neste texto de Eça, “público” designa

- a. gente ociosa que passa o dia a ler alto nas ruas.
- b. gente azafamada que saboreia a leitura.
- c. gente com vagar que folheia livros no espaço público.
- d. gente tosca que não lê com atenção.

4. No terceiro parágrafo, Eça refere que um escritor pode usar o prefácio para

- a. fazer uma breve apresentação da sua obra.
- b. captar a benevolência do leitor, para que este o leia com reverência.
- c. estabelecer uma comunhão com o leitor.
- d. mostrar ao leitor a sua erudição em citações latinas.

5. Das palavras seguintes, a única que não se encontra etimologicamente relacionada com “loquazes” (linha 31) é

- a. eloquentes.
- b. colóquio.
- c. alocução.
- d. aloquete.

6. “Proémio” (linha 34) é sinónimo de

- a. prosa.
- b. proposição.
- c. prefácio.
- d. posfácio.

7. A expressão “simples fazedores de livros” (linha 45) refere-se a

- a. escritores.
- b. encadernadores.
- c. editores.
- d. tipógrafos.

8. Os contos da obra prefaciada por Eça de Queiroz versam sobre

- a. episódios da vida real.
- b. histórias romanescas, que o autor viu pintadas em painéis de azulejos.
- c. comoventes histórias, imortalizadas nos azulejos de um corredor de mosteiro.
- d. episódios da vida pessoal do escritor.

9. Eça de Queiroz considera que os textos da obra “Azulejos” são

- a. escritos com clareza e graça poética.
- b. densos e de difícil leitura.
- c. opacos mas com verdade humana.
- d. excelentes mas demasiado curtos.

10. Em “São os teus contos, pois, ainda por este lado, realmente azulejos” (linha 67) está presente

- a. uma comparação.
- b. uma metáfora.
- c. uma hipérbole.
- d. um eufemismo.

11. O interlocutor a quem se dirigem as palavras «Tu não morrerás inteiramente» (linhas 79-80) é

- a. um mecenas.
- b. um artista.
- c. um colecionador de arte.
- d. um curador de museu.

12. Os adjetivos da sequência “manifestação melhor e mais completa da tua vida” (linha 82), encontram-se no grau

- a. normal.
- b. comparativo.
- c. superlativo relativo.
- d. superlativo absoluto.

13. Na linha 84, “imobilizado” desempenha a função sintática de

- a. complemento direto.
- b. predicativo do sujeito.
- c. predicativo do complemento direto.
- d. modificador apositivo do nome.

14. A forma verbal “misturares” (linha 88) encontra-se no modo

- a. conjuntivo.
- b. infinitivo.
- c. indicativo.
- d. condicional.

15. Na linha 91, o adjetivo “falaz” é sinónimo de

- a. artilosa.
- b. obscura.
- c. prolixa.
- d. eloquente.

16. Na linha 99, o pronome *lhe* refere-se a

- a. Péricles.
- b. Leónidas.
- c. Grécia.
- d. Aristófanes.

17. Eça alude a Shakespeare

- a. para enaltecer a simplicidade da sua encenação no pequeno palco em que trabalhava.
- b. como testemunho de que a riqueza e a beleza são imortais.
- c. como testemunho da única época em que tudo era efémero e oco na sociedade.
- d. como um exemplo da imortalidade que a arte granjeia.

18. Ao referir que as obras do seu amigo “pelo mero facto de não serem um relatório, não de viver tanto como os mármores do Pártenon” (linhas 108-109), Eça manifesta a convicção de que

- a. essas obras durariam mais do que as esculturas do Pártenon, se fossem um relatório.
- b. o simples facto de não terem a validade de um relatório reduz a pervivência dessas obras.
- c. a expectativa de pervivência desses textos se deve unicamente ao facto de serem obras literárias.
- d. se essas obras fossem um relatório, pouco menos durariam do que as esculturas do Pártenon.

19. Na linha 108, “que” introduz uma oração subordinada

- a. adjetiva relativa explicativa.
- b. adverbial causal.
- c. adjetiva relativa restritiva.
- d. substantiva completiva.

Grupo II

Nos parágrafos iniciais de *Uma História Verdídica*, Luciano de Samósata¹⁰ faz uma breve apresentação da sua obra, prevendo a reação dos leitores.

1 Assim como os atletas e, dum modo geral, os que se ocupam da preparação física, não cuidam exclusivamente da sua boa forma e dos exercícios, mas igualmente do repouso feito a tempo (o qual, aliás, consideram uma parte importantíssima do treino), assim também me convenço de que os intelectuais, após um longo período de leituras
5 sérias, têm toda a vantagem em relaxar o espírito, tornando-o, desse modo, mais forte para o trabalho futuro.

Ora, o próprio repouso poderia até tornar-se-lhes agradável, se porventura se entregassem a um género de leitura que, além de proporcionar um entretenimento simples, como é o que resulta duma temática jocosa e divertida, suscitasse também
10 alguns motivos de reflexão que não desconvêm às musas – algo parecido, suponho, com o que porventura sentirão ao lerem esta minha obra.

E já que não tinha nada de verídico para narrar (na realidade, não me tinha sucedido nada digno de registo), virei-me para a mentira, mas numa coisa serei eu verdadeiro: ao confessar que minto. Desta forma, isto é, declarando que não digo nem uma ponta de
15 verdade, creio ficar absolvido da acusação que porventura me façam. Escrevo, pois, sobre coisas que não testemunhei nem experimentei, e que não soube da boca doutrem; mais ainda: que não existem em absoluto e que, de qualquer forma, não são susceptíveis de ocorrer. Portanto, não deve o leitor dar o mínimo crédito às minhas histórias.

Ora bem: um dia, tendo partido das Colunas de Hércules¹¹, apontei ao oceano
20 ocidental, navegando com vento favorável. Causa e objetivo da viagem: a curiosidade intelectual, o desejo de experimentar novidades e a vontade de saber como é o fim do oceano e que espécie de homens habitam do lado de lá.

Eis que subitamente se formou um tufão, que fez o navio dar várias voltas e o elevou nos ares coisa de 300 estádios¹², sem o deixar cair no mar, mas antes o vento, soprando
25 as velas, enfunava o pano e assim fazia vogar o navio suspenso no ar.

Tendo navegado durante sete dias e outras tantas noites, ao oitavo dia avistámos no ar uma terra enorme, como que uma ilha, mas brilhante, esférica e completamente iluminada por uma luz muito forte. Aproximámo-nos, lançámos âncora e desembarcámos. Ao examinarmos a terra, descobrimos que era habitada e cultivada. Durante o dia, no
30 entanto, nada avistámos dali, mas, quando chegou a noite, começaram a aparecer, por perto, muitas outras ilhas, umas maiores, outras mais pequenas, cor de fogo, bem como uma outra terra, por baixo de nós, com cidades, rios, mares, matas e montanhas, e que depreendemos tratar-se do planeta que habitamos.

Ora, tendo nós resolvido prosseguir um pouco mais adiante, fomos interceptados e
35 detidos pelos Cavaleiros-Abutres. Estes Cavaleiros-Abutres são homens montados em abutres. E realmente, os abutres são enormes e, na sua maioria, tricéfalos. Por aqui se pode ter uma ideia do seu tamanho: têm cada pena mais comprida e mais grossa que o mastro dum grande navio de carga. Ora, a estes Cavaleiros-Abutres está confiada a missão de sobrevoar o País e, em caso de encontrarem algum estrangeiro, conduzi-lo à
40 presença do rei. E, de facto, detiveram-nos e conduziram-nos a ele. O rei, por seu lado, contou-nos a sua própria história: como, sendo também ele um terrestre, de nome Endímion, fora uma vez, durante o sono, arrebatado do nosso planeta e, tendo aportado àquela terra, se tornou rei dela; que essa terra – dizia – era a Lua, que nós vemos lá de

¹⁰ Nascido na região norte da Síria, Luciano de Samósata (125-190 d.C.) foi advogado, mestre de retórica e exerceu funções judiciais no Egito, onde provavelmente terá morrido. Das cerca de 80 obras que dele nos chegaram, *Uma História Verdídica* ficou célebre como a mais antiga referência literária a seres extraterrestres.

¹¹ Estreito de Gibraltar.

¹² Cerca de 53 Km.

baixo. Além disso, exortou-nos a que tivéssemos coragem e não teméssemos qualquer
45 perigo, pois teríamos tudo de que precisássemos.

Vi ainda uma outra maravilha no palácio real: existe lá um enorme espelho numa
cisterna não muito profunda. Descendo à cisterna, ouve-se tudo o que se diz entre nós, na
Terra; e olhando pelo espelho, veem-se todas as nossas cidades e todos os povos, como
se estivéssemos lá. Então eu próprio vi os meus familiares e toda a minha pátria; se eles
50 me viram a mim, não posso afirmar com segurança. E quem não acreditar que isto é
assim, se alguma vez lá for, ficará a saber que é verdade o que eu conto.

Luciano, *Uma História Verdídica*, I, 1-2; 4-5; 9-11; 26

tradução do grego, introdução e notas de Custódio Magueijo, Coimbra: Imprensa da
Universidade de Coimbra / Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da
Universidade de Coimbra / Classica Digitalia Vniversitatis Conimbrigensis, 2012

(texto com supressões)

Para responder a cada um dos itens de **1 a 6**, selecione a opção correta, de acordo com o
sentido do texto.

Escreva, na folha de respostas, o número de cada item e a letra que identifica a opção
correta.

1. Segundo o autor, os que lerem esta sua obra

- a. entreter-se-ão simplesmente com uma temática jocosa e divertida.
- b. suscitarão os motivos de reflexão que não convêm às musas.
- c. encontrarão entretenimento e inspiração para a poesia.
- d. divertir-se-ão e terão ensejo para refletir.

2. O narrador promete

- a. episódios verosímeis inspirados na sua experiência.
- b. episódios inverosímeis inspirados em histórias que ouviu contar.
- c. histórias inverosímeis que leu.
- d. histórias incríveis por si inventadas.

3. Na linha 26, “tendo navegado” significa

- a. tendo percorrido o mar no seu batel.
- b. tendo atravessado o mar na sua frota.
- c. tendo percorrido os céus na sua nau.
- d. tendo velejado pelas águas do firmamento.

4. Endímion era

- a. um ser terrestre abduzido do seu planeta.
- b. um selenita que tinha sido abduzido do seu planeta.
- c. um rei selenita que fora reconduzido à sua morada celeste.
- d. um rei terrestre raptado da sua corte.

5. Uma das maravilhas da Lua mencionadas pelo narrador é

- a. um telescópio instalado numa profunda cisterna, no palácio real.
- b. um observatório astronómico instalado no palácio de Endímion.
- c. uma profundíssima cisterna espelhada, que reflete imagens de todo o universo.
- d. um sistema audiovisual que permite assistir ao que se passa na Terra.

6. Na linha 3, “o qual” tem por referente

- a. “tempo” e desempenha a função sintática de sujeito.
- b. “repouso” e desempenha a função sintática de complemento direto.
- c. “tempo” e desempenha a função sintática de complemento direto.
- d. “repouso” e desempenha a função sintática de sujeito.

Fim da prova

Cotações

Grupo I

1.	8 pontos
2.	8 pontos
3.	8 pontos
4.	8 pontos
5.	8 pontos
6.	8 pontos
7.	8 pontos
8.	8 pontos
9.	8 pontos
10.	8 pontos
11.	8 pontos
12.	8 pontos
13.	8 pontos
14.	8 pontos
15.	8 pontos
16.	8 pontos
17.	8 pontos
18.	8 pontos
19.	8 pontos

152 pontos

Grupo II

1.	8 pontos
2.	8 pontos
3.	8 pontos
4.	8 pontos
5.	8 pontos
6.	8 pontos

48 pontos

Total 200 pontos